

LINGUÍSTICA
14^{IN FOCUS}

Saussure:

manuscritos, aulas
e publicações

Eliane Silveira
Stefania Montes Henriques
Organizadoras

EDUFU

Saussure:
manuscritos, aulas e publicações

Reitor

Valder Steffen Jr.

Vice-reitor

Carlos Henrique Martins da Silva

Diretor da Edufu

Alexandre Guimarães de Tadeus Soares

Conselho Editorial da Edufu

Amon Santos Pinho

Arlindo José de Souza Junior

Carla Nunes Vieira Tavares

Mical de Melo Marcelino

Sertório de Amorim e Silva Neto

Wedisson Oliveira Santos

Equipe de realização

Coordenador de publicações Eduardo Moraes Warpechowski

Editora de publicações Mariana Araújo Zocratto

Revisão Lúcia Helena Coimbra Amaral

Revisão ABNT Paulo Sérgio Coelho de Sá Filho

Capa e diagramação Heber Silveira Coimbra

Coordenadora da Coleção Linguística In Focus

Marileide Dias Esqueda

Comissão Editorial

Guilherme Fromm

Maria Aparecida Resende Ottoni

Valeska Virgínia Soares Souza

Comissão Consultiva

Décio Bessa da Costa (UNEB)

Érica Luciene Alves de Lima (Unicamp)

Fabrcio Tetsuya Parreira Ono (UFMS)

Gleiton Malta (UFBA)

Juliana de Freitas Dias (UnB)

Kleber Aparecido da Silva (UnB)

Sandra Aparecida Faria de Almeida (UFJF)

Thyago Madeira França (UEG)

Vanessa Regina de Oliveira Martins (UFScar)

Wagner Rodrigues Silva (UFT)

Eliane Silveira
Stefania Montes Henriques
Organizadoras

Saussure:
manuscritos, aulas e publicações

Linguística In Focus
Volume 14



Copyright 2022© Edufu
Editora da Universidade Federal de Uberlândia/MG
Todos os direitos reservados.
É proibida a reprodução parcial ou total por qualquer meio sem
permissão da editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S259m Saussure [recurso eletrônico] : manuscritos, aulas e publicações / Eliane
2022 Silveira, Stefania Montes Henriques (organizadoras) -- Uberlândia :
EDUFU, 2022.
324 p. : il. ; (Linguística in focus ; v. 14).

ISBN: 978--65-5824-024-2

Livro digital (e-book)

DOI: <http://doi.org/10.14393/978--65-5824-024-2>

Disponível em: repositorio.ufu.br/handle/123456789/29473

Inclui bibliografia.

1. Linguística 2. Linguagem. 3. Escrita. 4. Saussure, Ferdinand de,
1857-1913. I. Silveira, Eliane, (Org.). II. Henriques, Stefania Montes,
(Org.). III. Série.

CDU: 801

André Carlos Francisco – Bibliotecário – CRB-6/3408

EDUFU – Editora da Universidade Federal de Uberlândia
Av. João Naves de Ávila, 2121
Campus Santa Mônica – Bloco 1S
Cep 38.400-902 – Uberlândia – MG
Tel.: (34) 3239-4293
www.edufu.ufu.br

Editora associada à



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Sumário

Apresentação	7
<i>Eliane Silveira e Stefania Montes Henriques</i>	
Capítulo 1	
“Quantos Saussure” existem?	13
<i>Valdir do Nascimento Flores</i>	
Capítulo 2	
O ponto de vista cria o objeto: o espriamento da proposição saussuriana	35
<i>Allana Cristina Moreira Marques</i>	
Capítulo 3	
A <i>duplessência</i> da linguagem: afinal, de que duplo se trata?	61
<i>Luiza Milano</i>	
Capítulo 4	
O prazer histórico de Ferdinand de Saussure e o Phonétique.....	79
<i>Thayanne Raísa Silva e lima</i>	
Capítulo 5	
Repercussões do ouvido nos manuscritos Saussurianos.....	97
<i>Aline Stawinski</i>	
Capítulo 6	
Rumo ao encontro de Saussure	113
<i>Maria Fausta Pereira de Castro</i>	
Capítulo 7	
O conceito de dialeto em Saussure: convergências e divergências.....	129
<i>Paulo Henrique do Espírito Santo Nestor</i>	
Capítulo 8	
Idiossincrônico: surgimento, abandono e propagação de um conceito	147
<i>Núbia Rabelo Bakker Faria</i>	

Capítulo 9	
“A linguagem é uma instituição SEM ANÁLOGO (se a ela adicionamos a escrita)”: a escrita como problema na reflexão teórica de Saussure	173
<i>Pierre-Yves Testenoire</i>	
Capítulo 10	
O que é um rascunho em ciências da linguagem? Notas preliminares a uma edição digital dos manuscritos saussurianos	197
<i>Estanislao Sofia</i>	
Capítulo 11	
A homologia nos escritos saussurianos, um conceito rasurado	219
<i>Bruno Turra</i>	
Capítulo 12	
Digressões sobre o arbitrário: da potencialidade de uma premissa.....	245
<i>Stefania Montes Henriques</i>	
Capítulo 13	
“A língua é forma e não substância”: revisitando um aforisma saussureano	269
<i>Maria Francisca Lier-De Vitto, Mariana Trenche de Oliveira e Brenda Sousa</i>	
Capítulo 14	
A linguística geral em Ferdinand de Saussure	281
<i>Micaela Pafume Coelho</i>	
Capítulo 15	
Saussure, Freud, Marx e Musil: o espírito da época.....	295
<i>Eliane Silveira e André Santos</i>	
Capítulo 16	
Algumas notas etimológicas de Ferdinand de Saussure nos <i>mémoires de la société de linguistique, vi</i>	311
<i>Vitor Jochims Schneider e Fernando Silva e Silva</i>	

“A língua é forma e não substância”: revisitando um aforisma saussureano

*Maria Francisca Lier-De Vitto
Mariana Trenche de Oliveira
Brenda Sousa*

Introdução

Este trabalho tem como objetivo colocar em destaque o enunciado incisivo de Saussure sobre *la langue* – “a língua é forma e não substância” –, que entendemos ser, em grande medida, obscuro, ainda que tenha sido retomado por autores importantes, em especial por Benveniste (1989), e re-introduzido, de forma breve, por Milner (1978). Consideramos que a força e a extensão desse aforisma demandam maior esclarecimento. Gostaríamos de assinalar, de início, que este capítulo não tem a ambição de esgotar o problema que levantamos, nem aspira concluir ou encerrar a discussão; ao contrário, pretende-se, com ele, reabri-la. Para isso, incluiremos ao lado dos termos “forma” e “substância” o conceito filosófico de “matéria”, que nos orienta na interpretação do aforisma em perspectiva.

A obra tributária do pensamento de Ferdinand de Saussure – o *Curso de linguística geral* –, publicada em 1916, após sua morte, influenciou profundamente o pensamento das ciências humanas no século XX (LIER-DEVITTO, 2018). Para Lier-DeVitto (2018), porém, a reverberação de Saussure na Linguística foi ínfima, com exceção feita apenas a autores como Benveniste, Jakobson e Hjelmslev, e, a partir da metade do século passado, Jean-

Claude Milner²⁰², em seu “retorno a Saussure”. Antes de dar início à discussão, esclarecemos que nosso foco esteve voltado para dois livros de Saussure, quais sejam, *Curso de linguística geral* e *Escritos de linguística geral* (doravante referidos como CLG e ELG, respectivamente)²⁰³.

Lier-DeVitto (2016, 2018), ao lado de Lemos *et alli* (2004), aborda equívocos na leitura do CLG responsáveis pelo encobrimento da grandeza das ideias revolucionárias de Saussure, que introduz uma nova racionalidade no campo dos estudos sobre a linguagem. Ele “instala um novo saber, uma nova discursividade: ele é um, e não ‘mais um’ na história das ideias linguísticas” (LIER-DEVITTO, 2016, p. 55).

A autora acima citada sustenta que o desinteresse da Linguística pela obra de Saussure pode ser justificado pela “leitura empirista, desvitalizante e encobridora da novidade saussuriana”²⁰⁴ (LIER-DEVITTO, 2018, p. 803). Nesse ambiente neutralizador da originalidade do pensamento saussuriano, as operações sintagmática e associativa, que são eixos do funcionamento de *la langue*, acabam sendo, diz ela, desarticuladas e utilizadas, com frequência, como “**instrumentos de descrição**”, e não como “**leis de referência interna da linguagem**”. Lier-DeVitto sublinha que

O objeto da Linguística é ‘objeto integral’, como sustenta Saussure, e delineado como um funcionamento (‘forças em jogo, de modo perene e universal em todas as línguas). É ‘objeto concreto’, mas **não com perfil de entidade, substância, e sim como funcionamento** regido por leis de referência interna ao sistema (por operações *in praesentia* e operações *in absentia*) (LIER-DEVITTO, 2016, p. 55, grifos nossos).

Neste segmento, iluminamos as palavras “substância” e “entidade” como opostas a “funcionamento”, essa última indicada ali como impossível de ser reduzida às duas primeiras, que vêm pareadas como sinônimas. A

²⁰² Não ignoramos aqui a presença marcante de outros autores influenciados pelo “retorno a Saussure” realizado por Milner. Optamos por mencionar, neste capítulo, apenas o gesto milneriano.

²⁰³ Deixamos, para outro tempo, o levantamento, nos *Manuscritos* de Saussure, dos termos “matéria”, “forma”, “substância” (e de expressões correlatas).

²⁰⁴ Sobre a questão da recepção de Saussure na América Latina, sugerimos a leitura de Lemos et al. (2004). Sugerimos, ainda, a leitura de Silveira (2003), em que se tem uma discussão ampliada a respeito da recepção de Saussure no Brasil.

questão que levantamos, já neste ponto, diz respeito à necessidade de definir conceitualmente o termo “funcionamento”, tendo em vista a sequência “matéria, forma e substância”, que nos interroga neste capítulo. Em outras palavras, parece-nos preciso compatibilizar a ideia de que a língua é um “funcionamento que tem leis próprias” com outra de que a “língua é forma e não substância”.

Este é bem o momento de dar relevo à afirmação de que a língua se inscreve no domínio dialético de relações negativas, relativas e opostas. Tais relações afastam ou complicam a consistência suposta à unidade linguística. De fato, para que possamos tratar, de maneira apropriada, a questão da substância, sempre ligada àquelas da essência e da positividade, é imprescindível sustentar a “supremacia das operações do sistema sobre seus elementos” (LIER-DEVITTO, 2018, p. 801).

Com efeito, pode-se acompanhar a elaboração fina de Saussure nesse domínio que envolve a problemática da determinação da unidade linguística e de sua discretização²⁰⁵ do que se poderia conceber como entidade ou identidade; como substância independente do sistema tendo em vista que o cerne do pensamento saussuriano é tributário do recuo da referida positividade usualmente ligada à unidade.

Em Saussure, esse passo pode ser esclarecido pela afirmação de que a língua não é nomenclatura, ou seja, “uma lista de termos que corresponde a outras tantas coisas” (SAUSSURE 1969 [1916], p. 79). Em outras palavras, se *la langue* fosse meramente um conjunto que unisse termos, isto é, uma nomenclatura, ela seria logicamente um conjunto organizador de substâncias definidas previamente às operações da língua. É precisamente o que Saussure descarta ao afirmar que a unidade linguística não se compõe por meio da ligação de uma palavra a uma realidade externa, e nem a uma realidade interna, a um conceito/pensamento que lhe daria substância e positividade. Saussure abala a ideia milenar de que a linguagem é designação e representação.

Por meio da ruptura com a concepção vigente de língua como nomenclatura, o linguista aponta para o fato de que os erros terminológicos referentes aos elementos da língua derivam de uma suposição sem reflexão de que haveria **substância** no fenômeno linguístico. Assistimos, porém, à

²⁰⁵ Sobre isso, recomendamos a leitura de Andrade (2003).

recusa declarada de Saussure em reter a língua e seus elementos atrelados à ideia de substância, o que permite nos aproximar da máxima saussuriana de que “A língua é uma forma e não uma substância” (SAUSSURE, 1969 [1916], p. 141).

Procuramos, até aqui, mostrar que o movimento do pensamento de Saussure no esforço de exclusão da positividade e, conseqüentemente, da substância atribuída ao fenômeno linguístico, desenvolve-se, em boa medida, em torno da problemática do signo linguístico, da unidade linguística. Esse trabalho de elaboração caminha ao lado da afirmação de que a língua é forma. Cabe, contudo, entender mais de perto o que, na obra saussuriana, pode ser considerado “forma”. Parece estar claro que não se trata, para ele, de formas de palavras, estas que podem ser relacionadas a categorias gramaticais. “Forma”, em Saussure, terá outro sentido.

1. Considerações sobre substância, matéria e forma

Os conceitos de matéria, forma e substância, inaugurados e articulados por Aristóteles, ocupam lugar central não só na Filosofia Clássica como também em toda a trajetória da reflexão filosófica ocidental. Trata-se de uma discussão complexa, que atravessa séculos. Neste trabalho, não temos a ambição de detalhar ou esgotar o movimento conceitual que se desenvolveu ao longo do tempo, mas de recolher dela aspectos que possam iluminar o aforisma saussuriano de que “a língua é forma e não substância”.

Nos dicionários de filosofia, o termo “substância” é recorrentemente concebido como uma entidade independente, irreduzível e única, além de substantivo, isto é, autossubsistente, que se determina e se basta a si mesma (FERRATER-MORA, 1982; LALANDE, 1999; ABBAGNANO, 1970). Inaugurado por Aristóteles, o conceito de “substância” comparece em diversos momentos de sua extensa obra, e é debatido em sua relação com “matéria” e “forma”. Parece-nos importante indicar que houve sucessivas ressignificações conceituais do termo ao longo do tempo.

Aristóteles articula “matéria” à “substância sensível”. Os conceitos se apresentam em uma relação metonímica (não sinonímica), sendo, para ele, a matéria parte integrante da substância, uma relação designada como “composta”, indicando ser esta uma relação de imbricação. A “matéria”

torna-se uma fração que compõe a “substância” a partir de sua determinação pela “forma”. Note-se a intrincada relação entre os conceitos. O caráter nodal a qualquer noção de **matéria**, em Aristóteles, é a receptividade, já que é de sua natureza ser indeterminada. O conceito de matéria envolve o de disposição para receber alguma determinação, alguma forma, que circunscreve, também, a qualidade da relação entre matéria e substância sensível. De fato, lê-se no dicionário filosófico de Ferrater-Mora (1982) que **matéria** remete, diretamente, à **matéria-prima** de qualquer espécie, isto é, à **substância** com a qual se faz, ou se pode fazer, algo. Temos, portanto, que matéria e substância entretêm relação inequívoca e incontornável.

Mas é sobretudo no livro *Metafísica* que a questão “matéria, forma e substância” será analisada em profundidade. Utilizamos, aqui, a tradução de Lucas Angioni (2005), que traz no prefácio a advertência de que o termo grego “ousia”, usualmente traduzido por “substância”, pode também ser traduzido por “essência”. Angioni (2005) opta por manter “essência”, na medida em que ela pode ser abordada em sua dupla face, qual seja: (1) como **essência sensível**, que é suscetível ao movimento e à mudança. **Forma** e **matéria** compõem a essência sensível, segundo Angioni (2005)²⁰⁶; e (2) como **essência não sensível**, que não é suscetível ao movimento nem à mudança.

Interessa assinalar, com o tradutor, que o conceito de “**substância**” tendeu a ficar atrelado à concepção de **essência sensível** e, por essa razão, a ser considerado como seu sinônimo. Assim, se **matéria** e **substância** podem ser confundidas, tal deslize liga-se, tão somente, ao fato de estar em causa a relação parte-todo. Procuraremos avaliar a importância da distinção acima no enunciado saussuriano em causa neste capítulo.

No mesmo *Dicionário de filosofia*, o conceito de “forma” é definido como “figura latente e invisível”, correspondente a uma figura captável somente pelo intelecto. A **forma** limita a **matéria** e lhe dá corpo. Em linhas gerais, **matéria** é aquilo de que se faz alguma coisa. **Forma** é aquilo que determina a **matéria**, que, por definição, é indeterminada. Ferrater-Mora (1982) assinala que forma é aquilo por que alguma coisa é o que é.

²⁰⁶ Juntamente com a matéria e a forma, a “privação” também compõe as essências sensíveis. Entretanto, segundo Angioni (2018), é um dos termos, entre outros, pouco definidos e insuficientemente trabalhados do ponto de vista conceitual por Aristóteles.

Em outras palavras, “matéria” e “forma” combinam-se produzindo um composto (“substância sensível”), nos termos de Angioni (2005). Entretanto, é preciso dizer que a complexidade do assunto nos leva ao fato de que a matéria é substrato, mas **que não responde**, necessariamente, a uma **realidade material**, uma vez que tal realidade, para existir, depende de uma série de determinações, ou seja, de **forma**. Note-se que a existência de uma **realidade material decorre do fato de ter forma**. Conclui-se, em face disso, que a substância sensível envolve a composição entre matéria + forma. Vale acrescentar que a forma, acima de quaisquer condições materiais, é princípio de existência.

Podemos chamar Aristóteles neste ponto, num exemplo que nos interessa de perto, por ser de natureza linguística. Ele trata da sílaba “BA” como um composto, como substância sensível: “BA” não se reduz nem ao elemento A nem ao B, nem mesmo às suas eventuais justaposições. Importa que a **ordenação** “BA” é condicionada pela forma – **forma como domínio de associações**.

Segundo Zingano (2003), desde Aristóteles, a **forma é causa** de B e A formarem um composto, no caso a sílaba “BA”. Nesse ambiente teórico-filosófico, **forma** comparece já articulada a movimento e possibilidade de mudança. O autor aponta para o fato de que, se, por um lado, **forma e matéria** se distinguem metafisicamente no interior das **substâncias sensíveis**, ao subjugar a **matéria à forma**, evidenciando que a última é causa da primeira, Aristóteles vai em direção ao reconhecimento de uma essência outra, “puro ato, sem nenhuma potência ou matéria” (ZINGANO, 2003, p. 286). Dito de outro modo, quando se admite que a **forma** seja causa de substância sensível, esta fica impedida de subsistir separadamente. Zingano (2003) sustenta que, em grego, “forma” e “substância sensível” são **separáveis** (*διαχωριστός*) e que “forma” e “essência” não sensíveis são **separadas** (*σε διασταση*). A essência não sensível é a única que compreende a condição de separação, que é satisfeita de modo condicionado na **substância sensível**, o que significa que a possibilidade de separação da forma em relação à matéria nas substâncias sensíveis possui uma **cláusula restritiva**, qual seja, a que diz respeito à **capacidade racional de exprimi-la proposicionalmente**. A **essência não sensível**, por outro lado, é separada plenamente, sem nenhuma cláusula restritiva.

Chegamos, assim, à afirmação do início deste item, de que há uma essência não sensível e que ela não é suscetível de movimento: **ela é motor ou causa de movimento, ela move todas as coisas sem se mover**. Neste sentido, ela é essência estável, sua existência é perene. Sua atividade é constante e inalterável. Ficamos diante da possibilidade de dizer que a **essência não sensível, por não possuir matéria, existe apenas sob a rubrica de forma**.

Encerramos a discussão acima com um comentário de Ferrater-Mora que nos auxilia no entendimento sobre a delimitação e o relacionamento entre os conceitos de matéria, forma, substância:

A relação matéria-forma permite-nos compreender como estão compostas as coisas. Por isso, o problema do par de conceitos matéria-forma é equivalente à questão das composições das substâncias e, em rigor, de todas as realidades (FERRATER-MORA, 1982, p. 116).

Assim, um composto constituído por matéria e forma produz uma substância. Nesse lugar, a forma tem opostos/contrários e está condicionada à matéria. Mas a forma, tomada isoladamente, é plena atividade universal, totalmente independente da matéria, não suscetível de mudança. Ela é essência intelectual, causa²⁰⁷.

2 Sobre forma: efeito e movimento

Sendo a Linguística uma ciência empírica, Saussure, ao enunciar o seu programa científico, não poderia passar ao largo das manifestações sensíveis como seu material factual. No CLG, o capítulo II da Introdução é intitulado "Matéria e tarefa da Linguística: suas relações com as ciências conexas". Nele, Saussure toma como matéria sensível "toda e qualquer manifestação da linguagem" (SAUSSURE, 1969 [1916], p. 13), ampliando, desse modo, o escopo empírico da Linguística. De fato, não só as manifestações corretas e estéticas devem ser consideradas, segundo ele. Levando em

²⁰⁷ O tema da causalidade em Aristóteles foi discutido em profundidade por Fonseca (1998).

conta tal afirmação, vemos que "matéria" vem estreitamente ligada às manifestações orais ou escritas das línguas particulares. Nesse ambiente, pode-se dizer que a palavra "manifestação" nos remete à reflexão filosófica que nos coloca frente a frente com a **matéria** trabalhada pela **forma**, ou seja, diante das línguas particulares e, neste caso, diante da face sensível da linguagem.

Ainda no capítulo II, após definir a matéria que importa à Linguística, Saussure enuncia as "tarefas" que a ela cabem. Se no item a) parte dela corresponderia à manutenção da prática vigente naquele tempo, que era de natureza descritiva e, portanto, de cunho indutivo; será no item b) que a tarefa exigente, nova, original é definida com firmeza: "procurar as **forças** que estão em jogo, de modo **perene e universal**, em todas as línguas e deduzir as leis gerais às quais se possam referir **todos os fenômenos** peculiares da história" (SAUSSURE, 1969 [1916], p. 13, grifos nossos). Em outras palavras, é tarefa essencial da Linguística definir seu objeto próprio, propriamente teórico. Trata-se, como disse Rodrigues (1980), do estabelecimento de um "objeto posto", "intelectível", cujas bases estão declaradas na citação acima, quais sejam: um objeto caracterizável enquanto forças perenes e universais, enquanto leis gerais. Como se vê, o raciocínio dedutivo toma o lugar do indutivo, que, até Saussure, comandava a reflexão sobre a linguagem²⁰⁸. Neste passo, a questão da forma que definirá a língua já está anunciada. A língua não poderá ser, nos termos colocados acima, de natureza sensível/material, o que deixa interrogada ou praticamente recuada a possibilidade de ela ser definida pelo lado da substância.

Quanto às manifestações da linguagem (matéria da linguística), aquela que recebeu maior atenção de Saussure foi a oral, a materialidade fônica que nada seria sem o concurso da forma. As línguas particulares desempenham esse papel, como dissemos acima. Por meio delas, a matéria fônica se apresenta trabalhada pela forma. Ela é delineada a cada caso. Lembremos que a "matéria" é indeterminada por definição, como ensina Aristóteles. A matéria não trabalhada pela forma, na visão de Saussure, corresponderia a movimentos fonatórios sem nenhuma finalidade linguística.

²⁰⁸ Sobre Saussure e a ciência, remetemos o leitor à J.C. Milner (1987)

Enfim, interessa para a Linguística, como empiria, a matéria fônica formatada. Da articulação entre matéria e forma resulta a substância sensível, a realidade material apreensível pelos sentidos.

Isto posto, caminhemos com Saussure em ELG. Ali há acréscimo de complexidade a esse respeito, já que lemos a seguinte afirmação: "uma figura vocal se torna uma forma a partir do instante crucial em que é introduzida no jogo de signos que se chama língua (...)" (SAUSSURE, 2004, p. 38). Nessa afirmação, Saussure suspende o dualismo som-ideia, usualmente atribuído ao fenômeno vocal, como figura independente do que comporia o signo, ao implicar o jogo da língua. Deixemos, portanto, a expressão figura vocal reservada para a matéria sensível/audível/substancial, como fato físico que se compõe com o fenômeno da significação como fato mental. Saussure interpõe, nessa discussão, a **imagem acústica**, que é, como ele diz, de natureza sensorial (nem física nem mental).

É sob esse domínio, o das impressões acústicas²⁰⁹, sensoriais, que ele irá, na sequência, estabelecer o conceito de significante²¹⁰. Em sua essência, o significante não é fônico, mas, como afirma o linguista, incorpóreo, "constituído não por sua substância material, mas unicamente pelas diferenças que separam sua imagem acústica de todas as outras" (SAUSSURE, 1969 [1916], p. 138).

De maneira decidida, Saussure descola o signo da substância sensível. Convém dizer que a presença do jogo da língua faz do signo uma "unidade imaterial", "virtual", uma unidade que será demarcada, formatada pelo jogo da língua enquanto movimento, enquanto forma livre, em relação à matéria, ainda que incida nela. Entenda-se que esse movimento é um estado, é mobilidade perene e universal, é uma mobilidade imutável. Esse movimento não é sensível, mas se deixa apreender indiretamente em suas manifestações, nas formatações que esse jogo produz. Assim, o que é mais intrigante é ver Saussure sustentar que a língua é **forma**. É em busca da língua como um "jogo de forças", como um sistema que não pode ser visto

²⁰⁹ Fora da sua realização como ato vocal no interior do discurso – o que exige, além da língua, uma mecânica regulada que viabiliza a combinação/ligação dos movimentos articulatórios –, Saussure oferece a "imagem acústica" como fato de língua virtual.

²¹⁰ Para acompanhar a reflexão de Saussure sobre o signo até a elaboração do algoritmo significado/significante, ver Vilar e Carvalho (2014) e Milner (2003).

ou apreendido diretamente pela percepção, que veremos Saussure definir o objeto da Linguística. Antes de passar às considerações finais, fazemo-nos acompanhar por Silveira (2009), que sublinha:

(...) a língua passa então a ser um objeto sem qualidades; um objeto ao mesmo tempo matematizável e não simetrizável. Matematizável porque a sua negatividade implica que ela seja forma e não simetrizável porque a sua característica sistêmica implica que qualquer fato de língua não possa ser, logicamente, idêntico a si mesmo (SILVEIRA, 2009, p. 51).

3 Considerações finais

Resumidamente, no momento em que ganha destaque o "jogo da língua" no pensamento de Saussure, entramos na esfera teórica da língua como sistema de valores, ou seja, do motor primeiro como "pura efetividade de uma inteligência eterna absolutamente autônoma" (ANGIONI, 2000, p. 52). A língua assume, neste momento da teoria do valor, esse perfil de ser forma nos termos acima, quer dizer, a língua é forma, "domínio das articulações", independentemente de qualquer substância.

Além disso, não deixou de nos chamar atenção que o aforisma saussuriano que sustenta o caráter da língua como forma é enunciado duas vezes e de maneiras distintas no CLG, quais sejam: (1) "**A língua é uma forma e não uma substância**" (SAUSSURE, 1969 [1916], p. 141, grifos nossos), e a combinação entre duas massas amorfas, o pensamento e o som; e (2) "**produz uma forma e não uma substância**" (SAUSSURE, 1969 [1916], p. 131, grifos nossos). Deve-se dizer que a segunda afirmação não contradiz a primeira, mas aponta para a dupla condição da forma, como foi dito acima, como forma-motor que comanda o jogo, faz cadeia, articula o sistema, ou seja, movimentada as formas-signos, os *articuli*, que dão contorno à matéria fônica.

Em linhas gerais, procuramos aproximar algumas afirmações saussurianas sobre o objeto da Linguística enquanto força perene e universal e relacioná-lo ao trabalho teórico de descolamento da forma em relação à matéria e à substância. Procuramos indicar que, enquanto perene e universal, essa força é constante, propriamente estrutural, o que nos levou a dar

destaque à relação entre forma e domínio de articulações, bastante enfatizada por Saussure, seja no CLG, seja no ELG. Disso resulta, para nós, o valor do “entre”, do “intervalo” como espaço de operação da forma, que não se identifica com os elementos que produz e que mobiliza – uma lição de Aristóteles, como introduzimos no item 1 deste capítulo. Daí a característica de pulsação permanente das leis de funcionamento interno da linguagem.

Neste ponto do encerramento deste capítulo, servimo-nos da afirmação de Milner (2012 [1987]) sobre a construção do objeto da Linguística, agora mais iluminada para nós, qual seja a de que “[a língua] não poderá ser concebida do lado da substância – indefinidamente sobrecarregada de acidentes diversos –, e sim como uma forma – invariante através de suas atualizações –, visto que se define em termos de relações” (MILNER, 2012 [1987], p. 17).

Referências

ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

ANDRADE, L. *Ouvir e escutar na constituição da Clínica de Linguagem*. 2003. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

ANGIONI, L. *A noção aristotélica de Ousia*. 2000. Tese (Doutorado em Filosofia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2000.

ANGIONI, L. Metafísica de Aristóteles Livro XII. *Cad. Hist. Fil. Ci.*, Campinas, Série 3, v. 15, n. 1, p. 201-221, jan.-jun. 2005.

ANGIONI, L. Metafísica de Aristóteles Livro V (DELTA). *Dissertatio*, Pelotas, v. 48, p. 286-294, 2018.

BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 1988.

BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

FERRATER-MORA, J. *Dicionário de Filosofia*. 5. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1982.

- FONSECA, S. C. Lesão x Sintoma: uma questão de causalidade. *DELTA Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 455-466, 1998.
- LALANDE, A. *Vocabulário técnico e crítico de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999
- LEMOS, C. T. G.; VITTO, Maria Francisca Lier de; ANDRADE, L.; SILVEIRA, E. M. Le saussurisme en Amérique Latine au XXème siècle. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, Genebra, Librairie Droz, v. 56, p. 165-176, 2004.
- LIER-DEVITTO, M.F. Consequências de duas definições de *la langue* no Curso de Linguística Geral de Ferdinand de Saussure. *DELTA*, São Paulo, v. 34, n. 3, p. 799-813, 2018.
- LIER-DEVITTO, M.F. *Dossiê Saussure - O objeto da Linguística: um convite à releitura*. *CULT*, São Paulo, p. 54 - 57, 10 set. 2016.
- MILNER, J. C. *O amor da língua*. Campinas: Editora da Unicamp. 2012.
- MILNER, J. C. *El periplo estructural: figuras y paradigma*. Buenos Aires, Amorrortu, 2003.
- RODRIGUES, Neidson. Introdução ao pensamento de Saussure. *Série - Ciência e Linguagem*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1998.
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1969.
- SAUSSURE, F. *Escritos de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2004.
- SILVEIRA, E. *As marcas do movimento de Saussure na fundação da Lingüística*. 2003. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, 2003.
- SILVEIRA, E. A Teoria do valor no Curso de Linguística Geral. *Letras & Letras* (UFU. Impresso), v. 25-1, p. 39-54, 2009.
- VILAR, M.F.; CARVALHO, G.M.M. Pontos polêmicos na concepção saussuriana de signo. *Matraga*, v. 21, n. 34, p. 168-179, 2014.
- ZINGANO, M. Forma, Matéria e Definição na Metafísica de Aristóteles. *Cad. Hist. Fil. Ci.*, Campinas, Série 3, v. 13, n. 2, p. 277-299, jul.-dez. 2003.